NA BARRICADA

PERIODICO ANARQUISTA

ANO II — NUMERO 2

16 DE JANEIRO DE 1916

Toda a correspondencia para a Caixa postal 1936, Rio de Janeiro, Brazil

ASSINATURAS

Brazil — ano 5$000 — Exterior — ano 7$000

Numero avulso 100 rs.

Observando os fatos

A crise que atualmente avassala todas as nações mundiaes, mostra bem — pelo menos a quem tenha o máu costume de raciocinar — quão frágeis são as bases em que se assenta o edificio social presente.

Natural seria que após os desmantelos ocasionados pela governança passada; diante da sêca do Ceará e do monstruoso crime que se consuma na velha Europa, transtornando consideravelmente a vida economica, não só dos povos em luta, como tambem a dos chamados neutraes,— natural seria que se dispendesse maior soma de trabalhos e energias, afim de que não sofresse alteração o organismo social.

Para surpreza, porém, do leitor, o contrario é o que se verifica dentro da atual sociedade capitalista.

E, em abono desse asserto, aí estão as noticias diarias sobre fechamentos de fabricas, dispensa de operarios. suicidios por falta de trabalhos ..

Não se julgue, entretanto, que os governantes se tenham conservado inativos ou indiferentes, diante da calamidade que pésa sobre o povo.

Não. Eles teem, ao contrario, procurado resolver o problema, mostrando, assim, quão preciosa lhes é a sorte dos seus governados...

Confirmando, porém, a critica que dos governos teem feito os libertarios, os nossos homens de estado teem dado irrefutaveis e deliciosas provas de sua impotencia e tambem de sua... —digamos — imbecilidade...

E eles são gostosamente adoraveis, na sua impotencia e imbecilidade!

Para exemplo, bastam as comicas medidas do chefe de policia, embarcando, ha cousa de 6 mezes, meia duzia de mendigos com destino aos nucleos coloniaes...

S. ex. pretendeu, dessa maneira, exterminar a miseria!

A mais mirabolante, porém, das medidas aventadas para debelar a crise, é a tão nossa conhecida emissão.

Incomensuravelmente futeis, os nossos modernos Colbert, não pensam sinão em fabricar dinheiro, á menor dificuldade financeira.

E' que não possuem uma noção clara dos termos dinheiro e riqueza, essas respeitaveis alimarias...

Dahi imaginarem criar riqueza, quando fabricam... *sabinas!*

E é a taes capacidades que está entregue o nosso destino, a nossa vida!

Ao contrario dos homens de finanças, os anarquistas proclamam que o trabalho é o principal fator de riqueza.

Julgam, por isso. desnecessaria e prejudicial a existencia do dinheiro, causante que é de crimes, roubos, odios, egoismos, guerras, etc.

Para eles, desde que todos os instrumentos de trabalho fossem socialisados, isto é, postos á disposição de quem deles necessitasse; desde que fossem empregados racionalmente na produção de cousas inegavelmente uteis como vestimentas, casas, alimentos, etc., contribuindo apenas com 4 a 5 horas de trabalho diario, todo o individuo teria garantida a existencia, sobrando-lhe bastante tempo ainda para consagrar-se ás artes, ciencias, etc.

Exercicio salutar do braço e cérebro.

E qual seria a criatura normalmente constituida que, em vez de fazer um trabalho de acôrdo as suas aptidões e executado em condições higienicas, preferiria viver parasitariamente, repelido por toda a sociedade?

Isso naturalmente não se daria num regimen no qual fosse dignificado o trabalho; numa sociedade regida apenas pelo livre acôrdo de seus membros, sem mandantes nem chefões de qualquer natureza e onde "cada um consumisse segundo as suas necessidades, e produzisse segundo as suas forças."

Aberrações são frutos exclusivamete do iniquo sistema da propriedade individual. em que os representantes da lama dourada consideram o trabalho como uma indignidade, uma inferioridade, mas gozam, sem escrupulo de especie alguma, do inefavel conforto resultante desse vil e despresivel trabalho...

A. D.

Os responsaveis

Decorreu um largo ano desde o começo da grande tragedia, e ainda os governos dos paizes beligerantes, que tomaram a seu encargo asisnalar ante a opinião do mundo os culpados da hecatombe, não conseguiram demonstrar a ninguem que os verdadeiros culpados fossem estes ou aqueles.

Livros e mais livros de varias côres foram publicados por uns e outros, para serem oferecidos a patricios ou estrangeiros, como si todos estivessem animados do proposito de oferecer aos olhos da humanidade o nauseabundo prato confecionado na cozinha de todas as intrigas e baixezas: a diplomacia.

E com tudo isso nada teem conseguido; isto é: levaram ao animo da maioria dos póvos espectadores a convicção de que todos os governos que hoje se debatem na mais dificil situação criada pela maior das guerras, são culpados, e por isso os unicos responsaveis da carnificina.

Mas o objectivo que uns e outros tinham em vista, descarregar o pesado fardo das responsabilidades sobre os hombros do visinho, se ia dissipando á medida que os livros de côres saíam á luz.

Podem não obstante alardear uma cousa: o tal processo das publicações teve a virtude de repartir uma carga que para um só teria sido por demais pesada.

Deixamos, porém, passar á historia semelhantes livros, concedendo-lhes o valor que nos merecem todas as manifestações oficiaes, e tratemos de passar em revista todos aqueles que sem ser parte integrante dos governos — antes as suas vitimas — cabe-lhes, todavia, uma grande parte de responsabilidade, e são tão culpados quanto os proprios governos que puzeram fogo ao rastilho para produzir a catástrofe.

O apoio, a força bruta com que conta o Estado, está representada no militarismo, na instituição formada pelas forças mais viris da sociedade, e cujos interesses particulares de cada um de seus membros são antagonicos aos da entidade que defendem.

Isto que á primeira vista parece um paradoxo, já que não se explica que possam existir individuos que se prestem a defender alguma cousa em detrimento de seu bem-estar, é tão evidente, que não se requér mais do que observar o fato um pouco isentos de preconceitos para poder constal-o.

Dificil seria a nossos inimigos aventurar-se numa demonstração tendente a desvirtuar o que aqui fica afirmado.

Quem ousaria pretender convencernos de que os interesses de uma determinada patria respondem ás necessidades do povo que trabalha para engrandecel-a? Que recompensa obtem o povo em troca de uma vida de trabalho a não ser o catre de um frio hosp tal quando a tisica invade o seu organismo, ou o humido calabouço de uma prisão, quando os seus labios profiram um protesto?

A patria que foi enriquecida pelo esforço de uma maioria, está em mãos de uma minoria que para a sua grandesa não dedicou a menor particula de suas energias. E essa mesma minoria que é a dona do sólo e do que este contenha, é que constitue a entidade estatal, para cuja estabilidade contribuiu a grande força do militarismo com os elementos anunciados, e sem a qual a sua ação dominante seria impossivel.

Não vemos que comunidade de interesses possa haver entre ambas as partes, para que uma delas, a mais forte e numerosa, se preste tão incondicionalmente a servir a outra.

Este é, sem duvida, um caso de imbecilidade humana; imbecilidade tão generalisada e arraigada que penetrou nos cérebros de nossos paes, herdada já de nossos avós, e a nós transmitida para que suplantemos vantajosamente os animaes mais ferozes, quando se trate de nos destroçarmos mutuamente.

E isto, note-se bem, em beneficio de uma cousa que só aproveita á minoria referida.

Então convenhamos em que, si bem tenham responsabilidade os governos pela devastação da Europa, não estão isentos dela todos aqueles que marcharem cégamente ao teatro dos sucéssos com a mesma mansidão e inconciencia de um rebanho.

Aqueles ainda têm a seu favor a atenuante de uma ambição a satisfazer; estes, porém, nem isso.

Responsabilisemos, pois, a todos: é logico que assim seja. Por ventura o pae que quando meninos, nos entrega um espadim e nos dota de um uniforme e uma carabina para que "brinquemos de soldados" preparando assim os nossos sentimentos e ações para a matança do visinho, deixa de ser tão responsavel como o governo que ordena a mobilisação ou os chefes que mandam exterminar o "inimigo" no campo de batalha?

Não, certamente.

Pois como o pae, age o mestre; sem excluir as mães que costumam murmurar aos inocentes ouvidos de seus pequenitos as canções patrioticas que mais tarde hão de ecitar o seu espirito, educados desde tenra idade para o crime com todo o seu cortejo de refinadas crueldades.

Todos responsaveis!

A. A.

ATRAVEZ DAS EMOÇÕES

FOGO!

Acabo de contemplar um pavoroso, um emocionante incendio. A fabrica, antro horropilante de injustiças, ficou reduzida aos alicerces. As chamas, chamas reparadoras duma escravidão milenaria, fizeram, em algumas horas, o que os homens, em anos de incessantes prédicas, não foram capazes de realizar.

Fui dos primeiros a chegar. O incendio não havia tomado ainda as proporções gigantescas que foram depois o terror de todos. Lentos como tartarugas, chegavam os bombeiros, e iam preparando os trabalhos de extinção

Um compacto grupo de povo, estacionado em frente do lugar do sinistro, fazia os mais diversos comentarios, emquanto o fogo, com seus raios de visão apocaliptica, lambia as paredes das casas visinhas. A fabrica ardia, crepitando monstruosamente, derruindo-se, arrastando comsigo todos os artefactos que, junto com o suor dos operarios, constituiam uma boa parte das riquezas do patrão.

Os comentarios do povo espectador eram os mais desencontrados, os mais diversos. Sarcasmos, imprecações, lagrimas, soluços afogados...

Dois mil trabalhadores ficavam na rua, expostos á falta de pão para o dia seguinte. Murmurava se que o fogo parecia estar de comum acôrdo com a crise, com a guerra, com essa horripilante guerra que consome inutilmente o melhor das energias humanas.

A fabrica era uma especie de casa fendal. Ali se sucediam as gerações. De avós a netos, destes a outros netos, todos davam a sua seiva, seiva fecunda e boa, á casta de zangões que, como donos, tambem se sucediam ali.

O patrão possuia outras fabricas, muitas fabricas, onde honradamente protegia e dava de comer a milhares de trabalhadores. O incendio, para ele, não tinha maior importancia, visto estar tudo no seguro, em varias companhias. Os trabalhadores é que sofreriam as consequencias imediatas do desastre, lançados á rua, expostos á insegurança aterradora do amanhã.

Por isso os comentarios, em frente ao fogo, eram todos de pessoas interessadas. E atravez das chamas que rapidamente comiam a fabrica, com fome feroz, com fome de demolidora justiça, os interessados, os que ficavam sem nada com a perda da fabrica, tinham a visão das negruras do porvir. O patrão era tudo, era-lhes absolutamente indispensavel: dava-lhes, mediante pagamento, a casa em que viviam, vendia-lhes os comestiveis, proporcionava-lhes trabalho... Era como um bom patriarca, que sofria quando sofriam os seus trabalhadores, que gozava quando eles gozavam. Viviam, patrão e operarios, as mesmas emoções, estavam ligados a identicos interesses... Havia apenas uma pequena, uma insignificante diferença: o patrão era rico e desfrutava, sem trabalhar, todas as delicias da vida, ao passo que os trabalhadores, irmãos menores do patrão, trabalhavam desde crianças até á velhice, sofrendo as penurias da escassez e da fome.

. . .

Um incendio, quando é justo, quando é bom, provoca o espasmo de excelsos prazeres, de emoções sublimes. Tem alguma coisa de maravilhosamente tragico, que nos faz entrever o modo como ruirá o velho mundo de mentiras e tartufismos convencionaes.

Os nervos, em extrema tensão, querendo rebentar em estalidos de rebeldia, nos dizem e nos dão a sensação equanime e real das coisas. Falam-nos, sem preambulos metafisicos, desse regimem novo que ha de surdir do fragor da fogueira, do fogo renovador e santo.

Diante do fogo, como diante da vida, vemos ao longe o porvir luminoso que sonhamos. O esquema construtivo, a síntese dum mundo melhor. O complemento, merecido e esperado, á obra dos tiranos de todos os tempos.

O fogo é artistico, estetico. Duma beleza inimitavel, parece essa musica de Wagner que nos retrata nos timpanos e no coração as convulsões espasmodicas dos elementos em eterno movimento. Parece o vai-vem, em guerra aberta, de filosofias, tendencias, sistemas. A Justiça abrindo passo, rompendo todos os muros que se lhe oponham, afirmando a verdade e a razão.

Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam

Prediquemos o fogo, irmãos, o fogo santo e reparador. Sem limites, com firmeza e galhardia, prediquemos o fogo a tudo quanto existe envolvido de mentira e falsidade.

O fogo será o recurso supremo...

RAFAEL ESTEVE

Sejamos desordeiros!

Li em uma das obras de Kropotkine «A Conquista do Pão» que a maior parte das objeções feitas ao comunismo, provem dum simples mal entendido, levantando, porém, algumas delas, questões importantes e que merecem nossa atenção.

Com efeito, devemos sempre que se apresente ocasião oportuna, responder a taes objeções, deduzindo e concluindo logica e claramente, afim de não deixar no animo do objetante a menor duvida possivel.

A mais comum é que a anarquia será a desordem, porque todos querendo mandar ao mesmo tempo, não se entenderão uns aos outros e que, por consequencia, é necessario haver um que mande, um governo, afim de se estabelecer a ordem.

A's pessoas que nos fazem esta objeção, bastava perguntar o que vale a liberdade prégada pela lei, e (si já passaram dos trinta) o que vale um certo numero de anos, si ao cabo desses anos não tivermos a necessaria pratica para nos guiar no caminho da vida e precizarmos de uma lei, de um codigo, de uma vontade superior, emfim, que dite as nossas ações.

Concorda-se que emquanto creanças, emquanto o nosso cerebro é um inextrincavel labirinto de circumvoluções, não se delineando bem o carater pessoal, concorda-se que estejamos sob a direção dum outro sêr que tenha raciocinio e proceda como deve.

Concorda-se que, mesmo já completamente dezenvolvidos, sejamos guiados num assunto por outra pessoa mais pratica nesse mesmo assumpto.

Mas no que não se póde concordar é que os fazedores de leis sejam (o que acontece com raras eceções) ignorantes, perversos, de baixos sentimentos, emfim, seres destituidos da menor parcela de inteligencia ou de razão.

O que não é admitido é que essas pessoas, pelo simples fato de se chamarem deputados, senadores, ministros ou simplesmente dirigentes da massa, possam nos impor normas de conduta, em todas as circunstancias em que nos encontremos.

O que não é admitido é que essas mesmas leis, saidas de cerebros tacanhos e vilmente egoistas, coartem os nossos naturaes impulsos, e sejam o pharol — guia — de nossos actos.

A confusão que se estabelece no cerebro dessas pessoas é causada pela falta de raciocinio, pela falta de senso pratico.

O atavismo, a educação e o meio, esses fatores da individualidade humana impedem que a inteligencia trabalhe fóra do circulo de ferro traçado desde a escola, desde a infancia, por mestres e por pais inconcientes da nobre tarefa que a ordem natural das couzas lhe designou.

Dizem-nos que a anarquia, será a desordem. Mas, será a sociedade atual bazeada na verdadeira ordem?

Serão os crimas, as fraudes, os estupros, os assassinatos, os suicidios, os fatores componentes da ordem?

Si o são, chamemos desordem á base da sociedade em que o homem viva livremente; em que não se conheça o odio, a avareza, o ciume, etc.

Si a ordem atual é a verdadeira, arroguemo-nos o titulo de desordeiros, porque a desordem anarquista será preferivel á qualquer ordem baseada na tirania das leis e na vontade prepotente dos governantes.

Si esta é a ordem; queiramos a desordem, porque o homem que viver na anarquia poderá desenvolver seus bons instintos, será fizica e moralmente bello, não tendo a atender a interesses mesquinhos e hipocritas que são a baze da sociedade atual.

Sim, sejamos desordeiros; si quizermos viver em paz, si quizermos o amor por unica e respeitada lei natural imperando radiosamente sobre a Terra!

Sejamos, pois, desordeiros, si quizermos a abolição de fronteiras, de sangues azues, de dinheiros, que só servem para atirar os homens, tornados féras, nus sobre os outros.

Sejamos, finalmente, desordeiros, rechassemos para bem longe e sempre, a ordem atual, si quizermos alargar o horizonte de nossas aspirações, si quizermos dar livre passo ás inspirações geradas pelo carater réto e que só podem provir dum cerebro livre de preconceitos.

Rio, 1—1—916.

MARIO NELSON BELEM

O Militar

Aquele individuo que ali vêdes, ostentando aquela nojenta farda de oficial e com o peito coberto de medalhas, a quem a sociedade imbecil e ignorante considera como um heróe, é um dos mais desprezivels celerados, um ente infame, um assassino, um ladrão...

A farda que ele veste define claramente a sua ignobil missão de militar... As medalhas que traz ao peito são as mais irrefutaveis provas das suas ações más, pois ele as adquiriu guerreando, e o guerreiro é por ecelencia um assassino, um ladrão, um infame..

Cada uma delas é a paga dum crime por ele cometido; cada uma é como que a representação tetrica das muitas vidas humanas sacrificadas pelo patriotismo deste carrasco execravel, simbolo do assassinato e da dôr, imagem do banditismo e da corrupção.

Observae-o. E' o tipo personificado do bandido, é a encarnação maxima de todos os defeitos... Não ha crime que não tenha cometido, não existe ação má que não haja praticado: matou, roubou, incendiou, estuprou...

Não tem remorsos dos seus crimes, não sente arrependimento das suas torpes ações, porque esse sentimento é produzido pela conciencia, e ele é uma creatura inconciente, um verdadeiro tigre...

A caserna atrofiou-lhe a razão livre, esmagou-lhe a consciencia: tornou-o essa entidade abominavel que ali vêdes, esse ser completamente inutil, odioso, parasitario, perigoso e indigno...

E é a essa féra que a sociedade imbecil e ignorante aplaude; e é a esse monstro que se chama heróe...

CARAMURU' PAMPHIRO

CARTAS A UM OPERARIO

Tinha eu dito que existia «alguem» interessado em que o trabalhador, apezar de ser ele o unico criador de toda a riqueza social, permanecesse no estado de miseria, concedendo-lhe apenas, e isso por muito favor, uma pequenissima parte do produto de seu trabalho que apenas lhe basta para refazer as forças que o trabalho quotidiano lhe absorve.

Esse «alguem» interessado em que este estado de coisas se eternize, é composto de toda a burguezia em geral desde o primeiro magistrado da nação até o ultimo burocrata; desde o banqueiro milionario até o pequeno comerciante e proprietario. Estes aspiram a uma posição tão elevada como a que ocupam aqueles, e toda sua ação tendente a esse fim, tem como unica base a exploração iniqua daqueles cujo unico meio de vida é a submissão ao jugo do salario

O afan do gozo que hoje só se consegue mediante fabulosas somas de dinheiro, faz que toda essa gente que te mencionei, inverta todo o seu saber e energia em explorar a seus semelhantes, os trabalhadores, em seu proveito exclusivo, com o objetivo de criar a fortuna desejada para, uma vez conseguida, dar rédia sôlta a todas suas ansias de prazer, de vicios e mesmo de corrupção.

Tal afan cria neles uma mentalidade especial que os determina a ser insensiveis, neciamente orgulhosos e despotas.

Quando enfrentam um trabalhador consideram-se superior a ele, olham-no com insultante altivez, e seu recondito anhelo é que se os considere *protetores* sem os quaes a vida do que trabalha seria impossivel.

De gente de taes aspirações, que assim procede e pensa, é natural que toda a obra seja feita com o desejo de perpetuar este estado de coisas que, seja dito de passagem, se caracteriza por seus crimes e latrocinios.

O objeto principal de sua vida pode condensar-se em poucas palavras "Não trabalhar em nada que seja util e viver a vida melhor possivel"

Si a vida é impossivel sem o esforço do trabalho, salta aos olhos desde logo que, para praticar tão comoda filosofia é necessario recorrer ao trabalho de outrem. Esse «outrem», meu caro João, és tu, e quando digo tu, refiro-me a todos os que trabalham como tu.

A ação do esforço proletario materializado na arte, na habitação, na vestimenta e que conhecemos com o nome de trabalho é *sabiamente apropriado* pelos supraditos senhores. Si os trabadores deixassem de ser taes, a existencia desses senhores se veria em graves apertos. Eles o sabem perfeitamente, mesmo quando demonstram o contrario, e por isso entoam hinos ao trabalho... alheio, qualificando-o de virtuoso e nobre, porem... quando é executado pelos outros.

Tenho muito mais que te dizer mas visto que o espaço é tão curto quanto o tempo de que disponho, faço ponto aqui, prometendo-te continuar sobre o assunto no proximo numero.

A. MORELLI

ELES...

Quando, pela esperiencia adquirida sobre a ineficacia patente da arbitragem e do parlamento, nas nossas questões com o patronato, prégamos a greve conciente, revolucionaria, como unico meio de trazer resultados satisfatorios ao operariado, na luta entre o capital e o trabalho quazi sempre nos surgem pela retaguarda, protestos contrarios, refutações ambiguas, vociferações recendendo acremente a socialismo ou a politica republicana, conservadora, liberal ou democratica.

Não é, porém, com palavras inflamadas de falsos sentimentos de solidariedade e protecionismo patriotico, com projétos beneficiadores e astutos que os ludibriadores contumazes do operariado e do povo em geral, lograrão impôr solidamente as suas condenaveis aspirações de politicos ladravazes, capitalistas manhosos, clerigos astuciosas, militarões atrevidos, não:

Nós cá estamos para os cuidar.

E o povo os irá julgando.

NORIEL SAMPAIO

◆ ◆ *Não tenhamos duvidas sobre as intenções dos politicos para com o povo; na oposição, todos eles, desde os mais conservadores aos mais avançados, fazem as mais rasgadas afirmações liberaes; uma vez no poder transformam-se inevitavelmente, pela propria natureza das suas funções, em instrumentos de conservação social, isto é, de tirania e de opressão.* — A. QUINTANILHA.

CRONICA INTERNACIONAL

ARGENTINA

Foi daquele asqueroso conúbio formado por quadrilhas de negreiros e politicos tôrpes, que surgiu o guizado com o nome de "Lei de defeza social".

Paiz governado por vaqueiros, de mediocre intelécto, não podem surgir de seus cerebros outras ideias que não sejam um fiel reflexo de suas mentalidades obtusas.

Acostumados a guiar cavalos e carneiros, creem, uma vez encarapitados no poder, que estão exercendo suas antigas funções de tropeiros. Sua falta de discernimento leva-os á torpesa de confundir homens e animaes, formando de ambas as especies um montão, que, segundo seu curto juizo, só serve como materia exploravel.

A lei referida patenteia o exposto.

Nada de ideias. O homem animal deve subordinar o cerebro ao estomago; e assim como os bois cingem os rugosos cangotes ao jugo do arado, o trabalhador deve ter costas largas e fortes para servirem de escabelo aos senhores de rebenque e botas de couro.

A lei de defesa social foi feita para inclinar as cabeças altivas, esmagar as vontades indómitas, e decepar as mãos dos que, nos momentos intensos da luta, ousem levantar os braços crispados em demanda de justiça.

A tal lei foi feita para os rebeldes, para os anarquistas, não para os homens-vacas, e que o digam os socialistas argentinos.

Que foi feita para os rebeldes póde dizel-o a gritos esse núcleo de valentes trabalhadores, que esperam no cárcere a monstruosa condenação de 25 anos de prezidio; e que foi feita para os anarquistas póde testemunhal-o essa caravana de desterrados que pululam pelo planeta, e aqueles mesmos que "pelo delito" de pensar, sofrem condenações nos cárceres do visinho paiz.

A lei social foi feita para os anarquistas e a eles corresponde se insurgir contra éla: por amor á vida e ás caras ideias de liberdade.

◆ ◆ *E' porque se matam entre si, que os homens sucumbem mais facilmente aos ataques das outras especies (molestias infecciosas) e em consequencia das condições desfavoraveis do meio fisico (intemperies das estações).* — J. NOVICOW.

Interesses da propaganda

O QUE QUEREM OS ANARQUISTAS. — Sob este titulo publicou o camarada G. Thonar um excelente folheto de propaganda libertaria, resumo quanto possivel claro e completo, das novas idéas, e adotado unanimemente pelo Congresso Comunista - Anarquista de Charleroi, em 1904.

Está convenientemente traduzido e adatado no nosso ambiente.

Em condições, portanto, de prestar relevantes serviços á propaganda da nossa causa.

Afim de angariar os fundos necessarios para uma grande edição do mesmo, foi ha mezes organizada uma comissão que, dissolvida agora, entregou o saldo em seu poder ao Centro de Propaganda Anarquista.

Quem desejar, portanto, associar-se a tão util iniciativa, queira enviar as importancias para o seguinte endereço:

Caixa Postal 1936. Rio.

Os contribuintes receberão um numero de folhetos correspondente á quantia subscrita, de conformidade com o custo da tipografia, e descontadas as despezas eventuaes, como correio, etc.

Quantias já recebidas:

Oscar Torres	1$000
Sabino Ramos	1$000
I. Aroldt Jos	1$000
Hermogeneo Silva	2$000
Francisco Viotti	2$000
Aurelinio Corvo	2$000
	9$000

Congresso Anarquista Sul-Americano

BALANCETE DA RECEITA E DA DESPEZA

Entradas

Coletas diversas no Rio	59$000
Anarquistas do C. E. S., Rio	11$000
"Na Barricada"	10$000
M. R. Gonzalez	2$000
R. S. Munoz	5$000
Grupo de P. Anarquista, Niteroi	6$000
Grupo Iconoclasta, Pelotas	30$000
Centro Feminino Jovens Idealistas, São Paulo	10$000
Anarquistas de Campinas	21$000
Anarquistas da Bahia	6$000
Agrupações argentinas	10$000
Z. Z.	5$000
José Arias de Castro	3$000
Manuel Herculano	2$000
G. Libertario, Ribeirão Pires	30$000
Anarquistas de Recife	20$000
Francisco de la Torre	1$000
Grupo "Os Perseguidos", Pará	25$000
Anarquistas de Belo Horizonte	8$400
Hermogeneo Silva	10$000
De um companheiro	2$000
Total	276$400

Int. Institut for Sociale Geschiedenis Amsterdam

Saidas

Impressão da 1ª circular	14$000
Expediç. de cartas e circulares	7$000
Impressão da 2ª circular . .	10$000
2ª expedição de cartas com a 2ª circular.	8$400
3ª expedição de cartas	7$400
4ª expedição de cartas	2$600
1 cader. para endereços e papel	3$000
Despezas com a casa.	30$000
Blocos de papel e lapis . . .	6$000
Total	88$400

Resumo

Entradas.	276$400
Saidas	88$400
Saldo em poder da comissão	188$000

Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1915

A comissão organizadora

Mario Nelson Belém
Arlindo Drumond
José Elias da Silva

NOTA — Na lista dos representantes de colectividades ao Congresso houve omissão do Grupo Ação Libertaria, de São Christovam, que se fez representar.

Conforme vêm os camaradas pela leitura do balancete acima, existe em poder da Comissão o saldo de 188$000.

Como essa quantia não désse para a publicação de um relatorio completo e apresentavel do que tinha sido o Congresso, resolveram os libertarios do Rio, em reunião efetuada em 7 do corrente, na séde do Centro de Propaganda Anarquista, que a mesma fosse assim distribuida :

Ao grupo editor de «Na Barricada»	100$000
Ao Centro de P. A., para a publicação do folheto «O que querem os anarquistas»	40$000
Ao Comité Pró - Presos	20$000
A' Comissão Anarquista Internacional de relações	28$000
	188$000

Os grupos e camaradas que entraram com importancias ; queiram manifestar-se a respeito, caso não estejam de acordo com semelhante resolução.

Ser-lhes-á remetida a quantia que subscreveram, menos o desconto proporcional ás despezas efetuadas com o Congresso.

A nosso ver. entretanto, a deliberação tomada é a mais acertada possivel.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAES — Pedem-nos os camaradas deste Centro publiquemos o seguinte balancete :

ENTRADAS :

Quotas pagas	20$000
Donativo do Grp. Renovação	5$000
Rateio entre camaradas . .	18$700
	43$700.

SAIDAS :

Selos	1$400
500 recibos	7$500
1000 manifestos	9$000
1 bloco de papel	$700
1 caderno de papel	$200
	18$800

RESUMO :

Entradas	43$700
Saidas	18$800
Saldo em caixa . .	24$900

N. B. — Toda a correspondencia para este Centro deve ser dirigida ao secretario Manoel Peres Tabira, rua Xavier da Silveira 15, Santos.—O tezoureiro : *João Perdigão.*

◆ ◆ *A experiencia mostra que o encarceramento dos jovens delinquentes por penas leves não é sinão um gigantesco processo de fabricar criminosos.* — CHARTON T. LEWIS.

VARIAS NOTICIAS

CENTRO DE PROPAGANDA ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO

Em substituição ao Centro de Estudos Sociaes, fundou-se nesta capital o centro a cima citado, cujas reuniões se realizam todas as sextas-feiras, ás 20 horas, no mesmo local.

Toda a correspondencia para o secretario Mario Nelson Belém. Caixa Postal, 1936. Rio.

UM NOVO PERIODICO NA ITALIA

Somos de parecer que a censura não pode impedir a propagação duma idéia.

Crêmos que apezar da censura a idéia caminha, se firma e cada vez mais se resplandece.

Por isso nós vimos na determinação de publicar o novo periodico *La Protesta* a declaração de guerra a todas as guerra e sairá a luz apenas tenhamos o fundo necessario.

Dado o tempo atual das couzas, não vos enviamos circulares nem listas de subscrições voluntarias, porém os companheiros que aprovam a nossa iniciativa são convidados a relacionar-se comnosco e de conseguirem os meios materiaes possiveis.

Pelo grupo editor
Paolo Seluicchi
Fermo posta. Napoli (Italia)

PELOTAS

No dia 2 do corrente, realizou-se na vasta séde propria da Liga Operaria (Casa dos Trabalhadores), um concorrido comicio de propaganda, tendo uzado da palavra varios camaradas, aos quaes não foram resgateados aplausos pela assistencia.

O Grupo Musical 18 de Março tem aumentado satisfatoriamente o numero dos seus componentes.

Para o arrabalde do Fragata está projetado um *pic-nic* e conferencia e varieda-des, ao ar livre.

O. G. M. 18 de Março tomará parte, bem como varios amadores, do G. T. Cultura Social.

Veem funcionando regularmente as aulas da Escola Primaria da Liga Operaria, que são noturnas, para creanças e adultos.

TEATRO DA FEDERAÇÃO OPERARIA

Grupo Teatro Livre

Vai ser finalmente instalado na séde da F.O.R.J. o palco-salão de que tanto carecia o movimennto revolucionario do Rio.

Segunda feira ultima houve uma reunião convocada pelo camarada Felix Pereira, na qual ficou organisado o respetivo corpo cenico do qual será ensaiador o aludido camarada.

Consta que a peça de estréia será o esplendido drama social : *O Semeador,* ornado de musica.

Os cenarios, bem como a confeção do palco, estão a cargo de habilissimos tecnicos.

FESTIVAES

No dia 29 do andante, no salão da Federação Operaria, á praça Tiradentes, 71, realizar-se-á uma velada de propaganda em beneficio dos companheiros presos por questões sociaes.

O programa é o seguinte: «A força e o direito», conferencia por José Elias; variedades no palco improvizado, e baile familiar. Ingresso familiar 2.000 rs. e pessoal 1.000 rs.

— A que a 18 do procimo passado foi efetuada no mesmo local e para o mesmo fim, correu animadora, tendo a ela comparecido elevado numero de pessoas de ambos os sexos.

Manoel Campos, fez uma boa palestra e ás irmãs Boni-Elvira e Carolina e varios camaradas, compuzeram um interessante ato de variedades. O baile terminou alta madrugada.

No local referido o Sindicato dos Sapateiros, levará a efeito a 5 do mez que vem, um festival de propaganda que constará de palestra, intermedio e baile.

◆ ◆ *Estes dois fatores, alcoolismo e miseria, contribuem com a parte maior, nove decimas talvez, para a criminalidade de hoje.* — EDWARD CARPENTER.

◆ ◆ *A quimera de hontem é a realidade de hoje. A quimera de hoje é a realidade de amanhã.* — CHARLES RICHET.

◆ ◆ *O crime tem as suas origens nas perturbações da nossa organização social e, enquanto essas perturbações não tiverem desaparecido ou não forem atenuadas. a florescencia do crime persistirá, quaesquer que sejam a severidade e o rigor das nossas leis penaes.* — W. D. MORRISSON.

---

seu escriptorio. Vinha indignado da casa de Detenção e Correção. Seu coração sangrava. Fôra visitar dous seus constituintes. Na casa de Detenção onde gosava de certa estima por parte da Administração, elle podera em liberdade visitar tudo, e encontrára — cubiculos infectos onde as maiores vergonhas se praticavam, verdadeiros fócos de infecção physica e moral, donde sahiam pervertidos e diplomados nos vicios, no mal, os que conseguiam escapar ás molestias produzidas pelos contactos immundos e anti-naturaes, e pela alimentação; sessenta mulheres atiradas como fardos no fundo nauseante, sem luz e sem ar, de um calabouço de oito metros quadrados, onde nem o asseio corporal lhes era permittido, na ultima das degradações, gritando obscenidades em rixas continuas, gargalhando forte, ou cantando com vozes roucas e desentoadas coplas immoraes. Elle vira, guiado por um detento, armazens subterraneos e escuros onde ficavam os generos alimenticios deteriorados que eram fornecidos aos detentos, por baixo de compartimentos arejados e limpos, onde as boas e perfeitas mercadorias illudiam os visitantes e engordavam os administradores e *amigos* da casa.

As enfermarias estavam occupadas por feridos, contusos e edematosos, victimas da prepotencia da administração que conservava em um carcere humido e escuro, a pão e agua, os insolentes, e depois mandava para a enfermaria sahindo do *necroterio*, como elles chamavam. Detentos que praticaram crimes puniveis com um anno de prisão, no maximo, lá estavam esperando julgamento desde dous ; os processos eram demorados, e era preciso attender em primeiro logar aos *abastados*. Naquella casa eram recolhidos vagabundos filhos da miseria, victimas do capitalismo, e se os pretendia regenerar na promiscuidade abjecta do carcere, adquirindo maiores vicios. Nunca mais, mortos o estimulo e o sentimento de honra, uma criança daquellas se julgará infamada por qualquer labéo. Annos depois será um *criminoso nato* na emphase oratoria da promotoria publica.

Na casa de correção elle vira Felisbino Praxedes, e João dos Martyrios. Pelo primeiro se fazia já na opinião publica salutar movimento de compaixão e se procurava proclamar sua innocencia.

E pelo outro?

Pelo outro, que a prepotencia de uns e a condescendencia de outros fizeram condemnar em jury preparado a dedo, jury em que se não sabia ao certo se o crime era politico ou commum, pelo outro nada se tentava.

O outro era tambem uma victima. Tentara contra a vida do Presidente da Republica na sua cegueira e no seu fanatismo de republicano e patriota, persuadido de que o mal das instituições, e o mal estar do povo podem ter por causa um homem, e fôra responsabilisado por todas as occurrencias que se deram, e triplamente condemnado por tentativa de morte, por ferimentos graves, e homicidio, *autor intellectual.*

— Mas não me posso adaptar a esse meio corrupto, em que se não poupa a reputação de ninguen.

— Ora! é a ocupação dos ouvidorianos.

— Mas vão até ao lar; ofendem as senhoras casadas...

— Não se escandalise. Quando não se tem rabo de palha, é praxe, leva-se um contra a vontade.

— Mas se te chegar a vez ?

— Se me chegar a vez ?

Alcebiades deu uma risadinha.

— Já chegou, e não uma. mas muitas e sempre. Pensa vosmecê que não sei que de Eulina se diz muito mal ?

— Sabes então que ela procede mal ?

— Vmcê vae julgar do meu procedimento. Eu preciso de um desabafo. Nunca lhe fiz confidencias; chegou a occasião. Eu tinha já alguma fortuna, quando a febre de especulação da Bolsa invadiu toda a população. Sofri o contagio e me atirei tambem. Ganhei com facilidade como se ganhava naquele tempo e gastei á larga como era de bom tom. Joguei em uma especulação baixista, e a alta rapida deu-me choque tremendo. Fiquei desequilibrado. Só achei um recurso : casar bem. Um escandalo se dera em Petropolis com Eulina, á qual eu fazia a côrte desde algum tempo; propuz casar com ella e fui acceito. Realizado o casamento que me trazia de novo fortuna, os paes de Eulina partiram para a Europa, e residem agora em um cantinho de Portugal. Quiz resarcir os prejuizos, refazer minha fortuna, e lancei mão do dóte de Eulina, e de novo voltei á Bolsa. Tudo isso sem abandonar a clinica que já me dava bons proventos.

O desastre da Geral levou tudo pelos ares. Fiquei muito reduzido e obrigado a manter no mesmo pé a minha casa, e a satisfazer o luxo de Eulina. Tomei então um compromisso de honra: refazer pelo trabalho o dóte de minha mulher; e esta tem sido minha preoccupação desde muitos annos. Desconfiei de Eulina, e... quiz pelo menos abandonal-a. Mas, meu pae. quando se chegasse a saber que eu lhe esbanjára a fortuna e depois a abandonára, julga que me poupariam, julga que se me dariam atenuantes? Eu seria taxado de *condescendente* e depois de infame e gatuno. Quiz fazel-a desapparecer; mas diria ainda que eu a matára não por questões de honra e sim pela questão do dinheiro. Ah! Vmcê. parece que me julgava tambem cynico e insensivel. Só eu sei quanto tenho soffrido.

— Mas, Alcebiades, eu tenho ainda fortuna, e para livrar-te desta degradação não hesitarei um momento em sacrificar tudo que tenho.

— Obrigado, meu pae. Eu sei como é grande o seu coração. Sua fortuna não me pertence nem a Vmcê: é de Elza. Não tenho o direito de privar de todo o conforto esta menina para a qual fui máo. Não posso suportar-lhe a presença que me lembra

MANIFESTAÇÕES POLITICAS

Chegou de Pernambuco o general Dantas Barreto.

O Rio preparou-se para o receber condignamente, não faltando para isso a impagavel *comissão de recepção*, composta, como sóe acontecer, de politiqueiros patriotas e desinteressados, habeis, no preparo de manifestações populares.

As ruas da cidade foram festivamente embandeiradas, e á passagem do prestito, onde ia o anfitrião, o povo rompeu num berreiro terrivel, chamado, pelos entendidos, ovação.

Um orador qualquer saudou o bravo general em nome do povo, com perifrases empoladas e cuidadosamente escolhidas, enalteceendo as qualidades do Messias pernambucano e a sua benefica ação nesse infeliz estado, onde, graças aos seus esforços, não mais se sente a miseria, e o povo vive feliz e despreocupados tal como os *peludos* habitantes da Pensão do Padre Eterno.

O que mais nos entristece é o papel ridiculo que o povo defende nessas *cavações* nojentas de politiqueiros desavergonhados; é a crassa injenuidade dessa gente sempre pronta a aclamar o primeiro patife que se apresente agachado por detraz de pseudonimos retumbantes, — baluarte das liberdades, defensor do povo, heroe, chêirosa creatura, etc. etc. — farejando a primeira oportunidade para se locupletar em furtos escandalosos, afundando cada vez mais em negra e desesperadora miseria esse povo ludibriado e tolerante.

E' bem lastimavel que a serração de estupidez que envolve a maior parte dessa gente trabalhadora e honesta, seja tão densa a ponto de a impelir a verdadeiros desatinos, quaes sejam os espetaculos enormemente desoladores que nos oferecem a cada desembarque dum *salvador*, dum *pacificador*, dum assassino engalonado ou dum bandido qualquer de luvas brancas.

Hipocritamente guiado por uma comissão de ladravazes emeritos, sordidos manipuladores de manifestações politicas, o povo è arrastado a trilhar pelo caminho voraginoso da ignominia.

Tempo è, porém, de pôr cobro a essas intrujices politicas.

E' necessario que os homens trabalhadores que produzem e são vilmente, esplorados não emprestem o seu apoio a esses manipuladores de apoteoses, politiqueiros imbecis e gananciosos.

Quando anunciarem a chegada dalgum grande patriota, dalgum bom filho da... patria, não se dêm ao trabalho de estudar os seus feitos: aferrolhem bem as portas e ponham-se de sobreaviso,—é o que têm de melhor a fazer.!

F. A. N. da COSTA

AOS PACOTEIROS

Recomendamos aos camaradas que recebem pacotes de *Na Barricada* a necessidade que ha de saldarem suas contas mensalmente, para a bôa normalidade da vida do jornal.

As pequenas quantias até 5$000 podem vir em selos do correio.

Si vis pacem...

Da America do Norte enviou a Havas o seguinte telegrama para esta cidade:

« WASHINGTON, 9 (Havas) — O Sr. Lansing, secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, ofereceu hontem á noite aos membros do Congresso Pan-Americnno um banquete, que correu muito animado e durante o qual se fizeram ouvir diversos oradores.

Um destes, o magistrado norte-americano, Sr. Grey, proferiu um discurso no qual aconselhou as nações da America a que não se descuidassem da sua preparação militar, não para fazerem a guerra, acentuou S. Ex., mas para se fazerem respeitar e poderem assim manter a paz. Por ultimo falou o Sr. Lansing, que manifestou a esperança de ver convertidos em apostolos do pan-americanismo, no regresso aos seus paizes, todos os delegados que tomaram parte nos trabalhos do Congresso.

Os congressistas vão fazer uma excursão a Philadelphia, Prineeton e Boston, devendo partir amanhã desta capital. »

Tambem os governantes da Europa armaram-se " não para fazerem a guerra, mas para se fazerem respeitar e poderem assim manter a paz."

E' a velha imbecilidade do " si vis parem". Isto é, não é bem imbecilidade, é refinadissimo embuste. Quanto mais armadas, quanto mais aguerridas as nações, mais probabilidades de guerra, menor probabilidades de paz.

Foi o que se deu na Europa. A Alemanha, a França, a Inglaterra, a Russia, a Austria, a Italia, etc., armaram-se continuamente com o fim de "manterem a paz" e — logicamente, pois que para outra cousa não servem os armamentos — acabaram por fazer a guerra.

Que os povos da America tomemos cuidado com esses pruridos de paz armada. Si não queremos ver nos metidos numa chama internacional americana, comecemos por desfazer os plano da cambada governante, desmanchando-lhe os sonhos e as manias de grandezas militares.

Queremos a paz ? Não nos armemos. A paz desarmada é a unica formula honesta e capaz de afastar o perigo das guerras.

Ou não nos servirá a lição da carnificina européa ?

Correspondencia

Torquato (Cuyabá)—Recebemos a importancia da assinatura. Os 5$000 que vieram a mais remetel-os-emos em jornaes.

Walter (Bomsucesso) já foram os postaes. Os 6 que seguiram a mais são ao mesmo preço.

Zenon (S. Jeronimo)—Esperamos communicação tua no sentido de se aumentar ou diminuir o numero de exemplares do teu pacote.

Hermogeneo (Cruzeiro)—Já te remetemos os recibos das assignaturas e alguns bilhetes da rifa.

Hildebrando (Cruzeiro) — Esperamos que nos digas quantos bilhetes da rifa devemos enviar-te.

Sarmiento (Maceió)—Desejamos que nos informes sobre a aceitação do jornal nessa localidade.

Neno (Lisboa)—Recebemos um pacote de folhetos. Saudações.

Domingos (Ribeirão Pires) — Recebemos o manifesto. Os cartões da rifa já seguiram.

ADMINISTRAÇÃO

BALANCETE DO N. 1

ENTRADAS:

3 assinaturas	15$000
Venda de folhetos	3$100
Cartões de rifa da H. Universal	14$000
Grupo Editor	20$000
Venda avulsa	6$000
Do Congresso Anarquista	100$000
	158$100

SAIDAS:

Um carimbo	8$000
Registrados	4$000
Selos	6$500
Barbante	$400
Composição e impressão do n. 1	100$000
	118$900

RESUMO

Entradas	158$100
Saidas	118$900
Saldo	39$200

AOS AGENTES

Chamamos a atenção dos nossos agente nos Estados afim de que procurem saldar as suas contas, para não criar dificuldades no jornal.

Igualmente esperamos dos assinantes que ainda não pagaram as suas assinaturas o favor de o fazerem; do contrario ver nos-emos na contingencia de lhes suspender as remessas do periodico.

A FESTA NO "COSMOPOLITA"

Tendo a comissão da festa organisada em beneficio deste jornal e realizada no Centro Cosmopolita feito entrega a esta administração dos documentos da mesma, e achando-se como devedores de entradas para a mesma um numero regular de camaradas, contamos que estes saldem as suas contas com toda a brevidade. O administrador desta folha tem em mãos a lista de todos quantos tomaram cartões e ainda os não pagaram nem devolveram.

IMPORTANTE

Todos os valores destinados a NA BARRICADA devem ser endereçados exclusivamente em nome de Manuel Campos, administrador do jornal, e para a Caixa postal 1936, Rio de Janeiro.

sempre um crime, não posso ouvir lhe a voz semque remorso pungente me torture. E a sua voz e o seu olhar são de Mathilde. Já que desgracei a mãe devo evitar infelicitar a filha que tão bom amparo encontrou em Vmcê. e em minha mãe. Não posso acceitar o offerecimento. Deixe-me com a minha cruz. Talvez um dia resolva esta questão pelo suicidio.

— Oh! Alcebiades, nunca! Meu filho, nunca!

— Será um extremo. Não calcula Vmcê. as minhas agonias, os meus desesperos Agora mesmo contas enormes de despezas com as festas do 4º Centenario. Ganho muito, mas é muito lenta a accumulação do dinheiro com que pretendo comprar a minha liberdade e o meu socego, embora deshonrado. Não; não me faça recriminações.

— Meu filho, eu estou numa perturbação de espirito atroz! Não comprehendo essa honra toda commercial. Não tentaste chamal-a ao bom caminho?

— Ah! Não avalia qee alma de lama está ali. Meu pae, não procure mexer neste lodo, não. Deixe-me arrastar essa grilheta até qne me possa redimir de todas as minhas culpas. Depois... Ah! depois...

Elle teve uma contracção forte nas commissuras labiaes imitando riso nervoso e máo.

O Commendador Noronha apanhou o chapéo e sahiu como um furacão. Pelo corredor, na escada, na rua elle ouvia como assuada medonha, apupo estrondoso acompanhado de gargalhadas e assobios, a palavra — *safardana!* Apressou o passo, correu quasi, e a voz ironica e estridente como toque de clarim — *safardana!*

Tomou, sem olhar, um bonde em movimento, e o ruido das rodas, o apitar do cocheiro, o silvo do relho, o rodar dos carros lhe gritavam — *safardana!* Elle incosciente ia repetindo em voz baixa, em obsecação louca e desvairada — *safardana!* O bonde seguiu pelas ruas tortuosas e sujas, estreitas e mal calçadas, e foi sahir no caes de Santa Luzia. Com difficuldade a luz da tarde coava-se atravez da copa cerrada das arvores, que em aboboda sombream a rua. O mar marulhava ao lado, e longas redes de pesca suspensas em varas se agitavam ao sopro da viração. Homens de camisas de baêta, retirando rêdes, cantavam, e no bojo de canôas e saveiros dormiam outros ao lado de grupos em que se conversava sobre o tempo, e se observavam a entrada e sahida dos navios e os signaes das fortalezas da barra.

O Commendador não via nada, com a cabeçaôca, sentindo zumbidos nos ouvidos, não ligava duas ideias. Junto ao Passeio Publico o tympano de um carro movido pela electricidade o despertou. Elle tomára direcção errada. Saltou e se postou junto ao portão esperando conducção para voltar. Depois resolveu entrar no Jardim; aquella verdura perenne e aquelle silencio de bosque o

convidavam. Entrou e sentou-se em um banco de pedra. Ao lado esquerdo lhe ficava o terraço e dahi elle avistava as pyramides cobertas de neia. Uma nesga azul do céo ao longe punha em relevo a copa de uma mangueira. Elle encostou a face nas mãos e começou a pensar.

Passavam pelas ruas areiadas crianças garrulas e damas de companhia; alguns rapazes iam ao terraço. Dolorosa crise de lagrimas tomou-o, e os soluços abalavam o corpo do velho.

Um passeiante disse:

— Que chuva! Está engulhando, não tarda vomitar.

Já cahindo a noite, quando o velho se levantou e voltou á cidade. Quando chegou á casa, quasi oito horas, recebeu um bilhete da esposa que lhe communicava ter ido em auxilio de Anselmo que a mandára chamar com urgencia. Um desastre de Estrada de Ferro punha em perigo a vida de d. Martha

O velho Commendador, sem querer tomar qualquer alimento, foi encontrar a mulher no Rocha.

Seguindo para aquella Estação o Commendador pensava se não teria sido melhor que um desastre levasse Eulina. Não era injustiça da sorte ser victimada por morte subita uma mulher honesta, uma esposa exemplar, como Martha, e ficar conspurcando, arrastando pela lama da rua na cauda dos seus vestidos rendados o nome do marido, essa Eulina formosa e regateira?

A sua consciencia de catholico se revoltava; elle não devia desejar a morte do proximo, devia orar pela sua regeneração, pelo arrependimeuto da peccadora. Entretanto lhe vinha como cruel obsessão o mesmo pensamento — era melhor que morresse; era uma solução.

Ella, porem, poderia cahir em si, poderia ser ainda uma boa esposa. Quem sabe se o marido a ajudára nessa obra de arrependimento?

Christo perdoára á adultera; porque não perdoaria elle tambem ? Mas a propria religião do Christo é que condemna o adulterio, a propria religião do Christo é contraria ao divorcio.

Então ?

A solução seria aquelle amor livre pregado por Anselmo, com grande escandalo de todos, em um almoço em Jacarépaguá ? Mas Anselmo pregava o amor livre em uma sociedade libertaria, igualitaria. Com o direito de testar, com a transmissão da propriedade, com a organisação da sociedade actual isso era impossivel.

A solução do caso de Alcibiades era sómente aquella — um desastre, a morte.

Porque não acontera aquillo á Eulina?

Elle perdoaria como o Christo, mas só perdoaria quando a morte a impedisse de commetter novos desatinos.

XII

Eram duas horas da tarde quando Anselmo chegou ao